
Comentário: a opinião dos ex-atletas no jornalismo esportivo¹

Felipe Priante²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Luciano Victor Barros Maluly³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O trabalho explora os principais pontos desta função opinativa exercida pelos ex-atletas, tomando como base conceitos teóricos do jornalismo e questões um pouco mais práticas, focadas na observação e análise da função de comentarista. Primeiro buscamos bibliografia adequada para iniciar o estudo de três pontos considerados fundamentais na abordagem do comentário no jornalismo esportivo: a opinião, a linha editorial e o ambiente virtual. A partir desta seleção de temas e do resgate de obras relevantes sobre os assuntos, partimos então para uma análise dos tópicos fundamentada em entrevistas com pesquisadores e jornalistas diretamente ligados aos assuntos abordados.

PALAVRAS-CHAVE: comentário no jornalismo; gêneros jornalísticos opinativos; jornalismo esportivo; ex-atleta.

CORPO DO TEXTO

A cada dia que passa, o ex-atleta ganha mais espaço como comentarista esportivo dentro da mídia brasileira. A análise da participação da figura do ex-atleta como comentarista esportivo está fundamentada em um ponto essencial que é o comentário propriamente dito. Segundo afirma Michel Foucault (1996), o comentário é um ritual de discurso que se narra conforme circunstâncias determinadas, que por um lado permite construir (indefinidamente) novos discursos, mas por outro lado não tem outro papel senão o de dizer enfim aquilo que estava articulado silenciosamente. Ele pontua também que o comentário talvez não vá além do que tem em sua proposição inicial, mas ao mesmo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 5 a 9 de setembro de 2024.

² Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). e-mail: priante@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação e professor de jornalismo, ambos na ECA-USP, e-mail: lumaluly@usp.br

tempo lhe permite dizer algo além do texto. Além disso, o comentário estaria intrinsecamente ligado ao seu autor, funcionando quase que como um discurso de identidade, uma vez que está diretamente atrelado às ideias de quem o profere. No jornalismo, o comentário está situado dentro do gênero opinativo, independente da perspectiva utilizada para a divisão de seus gêneros. José Marques de Melo (1985) parte de uma concepção funcionalista, relacionada ao formato e à intencionalidade. Sua proposta de classificação primeiro agrupa os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade dos relatos, através do que se configuram, e então busca identificar os gêneros a partir da natureza estrutural. Porém, há um outro tipo de agrupamento proposto por Manuel Carlos Chaparro (1998). Para ele, a leitura sistemática de textos narrativos e argumentativos indica que o jornalismo não se divide em opinião e informação. O autor afirma que o paradigma opinião/informação desenvolveu valores que iludem os leitores levando-os a acreditar que há artigo com uma informação purificada, livre de pontos de vista, produzida pela devoção à objetividade. Este artigo foi construído com base no resgate das obras desses e de outros autores e de sua rediscussão por meio de entrevistas com pesquisadores e jornalistas que têm o comentário esportivo como um dos temas de seu trabalho. Colaboraram com o artigo, através de entrevistas, os pesquisadores Francisco de Assis Escola Superior de Propaganda e Marketing) e José Carlos Marques (Universidade Estadual Paulista (Júlio De Mesquita Filho) e os jornalistas Celso Dario Unzelte e Paulo Ricardo Calçade, ambos do canal ESPN-BRASIL. Um dos principais pesquisadores do país sobre gêneros jornalísticos é José Marques de Melo, que apresenta uma proposta de classificação na obra *A opinião no jornalismo brasileiro* (1985). Para isso, o autor primeiro esmiúça o jornalismo como processo social e levanta um histórico analítico. Ele afirma que, historicamente, predominam duas categorias no jornalismo, o informativo e o opinativo. Antes de propor sua classificação, o autor também pontua o histórico dos gêneros jornalísticos no Brasil com destaque para Luiz Beltrão (apud MARQUES DE MELO, 1985), que dividiu o jornalismo em categorias principais: informativo, interpretativo e opinativo (segundo as funções que desempenham junto ao público: informar, explicar e orientar). Independente das divisões que podem ser feitas em relação aos gêneros jornalísticos, fica claro que as fronteiras, na maior parte das vezes, são permeáveis, uma vez que um texto propriamente informativo pode ter nuances opinativas e o mesmo vale no sentido inverso, com texto claramente opinativo podendo trazer informações novas.

Apesar deste panorama interseccional dos campos, trabalharemos com uma divisão mais estratégica entre informação e opinião, para focarmos na segunda e, assim, analisarmos a figura do ex-atleta como comentarista no jornalismo esportivo. Outro aspecto essencial ao analisarmos o comentário no jornalismo é a linha editorial, principalmente quando atrelamos o indivíduo que opina a um veículo. No jornalismo, o produto final vem, de certa forma, de uma negociação implícita entre as duas partes participantes da confecção de seu produto final, no caso os jornalistas e as empresa, como reforçam os pesquisadores Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015) e Patrícia Paixão (2018), além de Marques de Melo (1985) que destaca alguns recursos utilizados pelos veículos de comunicação para controlar a seleção da informação. O comentário no jornalismo, segundo Marques de Melo (1985), surgiu como tentativa de quebrar o monopólio opinativo editorial. Enquanto o editorial emite opiniões sobre os fatos de maior importância, o comentário cumpre fatos significativos, mas de menor abrangência, com independência à linha editorial. É importante salientar que há uma questão sobre as terminologias utilizadas neste assunto, com alguns autores preferindo usar *linha editorial* e *política editorial* são utilizadas de formas diversas, quando analisamos a bibliografia de diferentes autores, conforme salienta Paixão (2018). Alguns optam pela primeira ou pela segunda, sem fazer distinção entre as duas nomenclaturas. A pesquisadora elenca diferentes formas de análise quanto ao termo a ser usado, começando pelo jornalista e pesquisador Luiz Beltrão (2006), um dos pioneiros nos estudos sobre o jornalismo brasileiro, que utiliza a terminologia política editorial e a define como sendo o posicionamento ideológico do jornal, que interfere não só na escolha do que é ou não transformado em notícia. O sociólogo francês Érik Neveu (2005) é outro que usa a nomenclatura linha editorial, de acordo com a autora. Para ele, a linha editorial é definida pelo diretor de redação, com influência do grupo de acionistas do jornal, do seu diretor geral ou de uma sociedade de redatores. Quando falamos do comentário no jornalismo esportivo, esta disputa de forças também ocorre, porém de maneira muito mais tranquila do que em outras áreas. Celso Unzelte (2023) não vê, no jornalismo esportivo, uma interferência superior para falar bem ou mal de algum time ou para produzir comentário favorável ou desfavorável em relação a isso. Apesar de sua independência maior em relação a outras áreas do jornalismo, por abordar na maior parte das vezes assuntos que apenas margeiam questões de poder político ou econômico, o jornalismo esportivo também está sujeito aos acordos tácitos entre

empresa e empregados. José Carlos Marques (2023) afirma que, tirando questões técnicas jornalísticas, como termos que podem ser usados e aqueles que não podem por questões editoriais, não há tabus ou assuntos que não podem ser abordados no comentário esportivo. Questões comerciais também são importantes na linha editorial de cada empresa, conforme destaca Paulo Calçade (2023), uma vez que muitas vezes o assunto a ser comentado é também um produto, uma atração daquele veículo de comunicação, principalmente quando se trata de canais esportivos, sejam os tradicionais na TV ou aqueles que são veiculados apenas virtualmente. A influência das linhas editoriais nos comentários é, para Francisco de Assis (2023), algo definido muitas vezes a priori, uma vez que os próprios veículos são os que escolhem para quem vai ser dado o espaço para opinar. Com o fortalecimento da internet e o surgimento de mídias digitais, Assis (2020) defende que tudo isso implicou em revisões das formas de expressão jornalística, ramificações do jornalismo em especialidades cada vez mais recortadas e até mesmo a percepção de uma ausência de panoramas mais claros e completos a respeito dos fundamentos que sustentam as classificações. Não apenas os gêneros jornalísticos ficaram menos rígidos entre si, mas também a questão da opinião, uma vez que agora qualquer um pode se expressar para um grande público. Para Pierre Lévy (1996), o ambiente virtual traz consigo um modo particular de promover transformações. Para ele, a virtualização não é boa, nem má, nem neutra, mas sim um processo de transformação de um modo de ser num outro, que abre novas perspectivas de espaço e tempo. Neste contexto, o papel da opinião no jornalismo ganha ainda maior importância e destaque, trazendo também uma grande responsabilidade, principalmente em relação a outro tópico crucial para o jornalismo nos tempos atuais que é a dicotomia entre objetividade e subjetividade. O comentarista ganha uma relevância extra, que não é apenas a de opinar sobre os assuntos, mas também de contextualizar e elencar quais deles o público deve prestar atenção. Celso Unzelte (2023) observa a questão do imediatismo na resposta do público e seus comentários online, um fator que acabou interferindo no que se fala. Na mesma linha, Francisco de Assis (2023) reforça o papel de mão dupla que as redes sociais trouxeram para os comentaristas esportivos. Para ele, muitas vezes o comentarista busca um ponto de equilíbrio em sua fala para não ir de encontro com ideias e pensamentos que circulam nas redes sociais. Paulo Calçade (2023), que vê muita gente pautada pelas redes sociais no jornalismo esportivo atual, embora reconheça que há o lado positivo de acompanhar as novidades. José Carlos

Marques (2023) é mais um que ressalta a ambiguidade da relação do jornalismo com as redes sociais e afirma ser impossível desconsiderar a relevância delas no trabalho do comentarista esportivo na atualidade. A questão do ambiente virtual e das redes sociais são cada vez mais importantes para a comunicação, não apenas para o jornalismo. A propagação da opinião deixou de ser exclusividade daqueles que são considerados pilares de conhecimento, ou de pessoa que detém algum destaque social por algum feito relevante ou algo similar. Hoje em dia, qualquer um pode comentar qualquer assunto pela internet e fazer sua opinião alcançar centenas, milhares e até milhões de pessoas, o que bagunçou um pouco a questão de forças na comunicação social. Os comentaristas esportivos precisam ficar atentos a esse fator dicotômico das redes sociais, tanto para saber lidar com as respostas geradas por seu posicionamento opinativo, quanto para filtrar os assuntos abordados no ambiente virtual e que merecem atenção maior. Conforme apresentado, uma das funções do comentarista esportivo, seja ele jornalista ou ex-atleta, é tentar apresentar a seu público uma explicação sobre o assunto do qual se fala, a fim de proporcionar uma explicação, interpretando e mostrando suas perspectivas com o propósito de ajudar na melhor compreensão dos fatos. Um dos maiores especialistas em jornalismo nos EUA na década de 1950 e 1960, Frank Fraser Bond (1962) já destacava naquela época a importância desta faceta jornalística.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. 2000: os gêneros retornam à agenda acadêmica. IN: MELO, J. M. DE; ASSIS, F. DE (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]. Edições Loyola, 2020. p. 251-254.

ASSIS, Francisco de. Gêneros jornalísticos no tempo e no espaço. IN: MELO, J. M. DE; ASSIS, F. DE (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]. Edições Loyola, 2020. p. 291-309.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

BELTRÃO, Luiz. Opinião, função vertical do jornalismo. IN: MELO, J. M. DE; ASSIS, F. DE (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]. Edições Loyola, 2020. p. 41-61

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina (SP). FAI, 2006.

BIROLI, Flávia.; MIGUEL, Luis Felipe. Orgulho e preconceito: a "objetividade" como mediadora entre o jornalismo e seu público. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 22–43, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641396>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BOND, Fraser F. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BOURDIEU, Pierre. The Political Field, Social Science Field and the Journalistic Field. In: BENSON, R. e NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity Press, 2005, p. 29-47. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7700978/mod_resource/content/1/BOURDIEU%20The%20political%20field.pdf. Acesso em: 1 ago. 2023

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Santarém (Portugal): Edições Jortejo, 1998.

ERBOLATO, Mário L. As categorias do jornalismo. IN: MELO, J. M. DE; ASSIS, F. DE (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]. Edições Loyola, 2020. p. 93-110.

FOUCAULT, Michel **A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3ª edição. São Paulo (SP): Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Disponível em: https://www.portalentretextos.com.br/files/online_books/foucault_michel_microfisica_do_poder.pdf. Acesso em: 8 ago. 2023.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2005.

PAIXÃO, Patrícia. Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 90-108, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137224>. Acesso em: 8 ago. 2023.

Entrevistas:

ASSIS, Francisco de. [Entrevista concedida a] Felipe Priante, 2 dez. 2023.

CALÇADE, Paulo Ricardo. [Entrevista concedida a] Felipe Priante, 6 dez. 2023.

MARQUES, José Carlos. [Entrevista concedida a] Felipe Priante, 1 dez. 2023.

UNZELTE, Celso Dario. [Entrevista concedida a] Felipe Priante, 6 dez.

